

## EDGARD ROQUETTE PINTO

Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, não se apressou ROQUETTE PINTO em exercer a profissão, para a qual o habilitara o diploma conquistado em 1905. Seduziam-no de preferência as pesquisas científicas, para as quais o impelia a curiosidade insaciável.

O Museu Nacional, onde pontificavam sábios autênticos, não tardou em atraí-lo. Assistente de antropologia, ambicionou elaborar obra que lhe garantisse o renome. Como, porém, realizá-la, em meio dos trabalhos silenciosos, a que lhe cumpria atender? As boas fadas da ciência vieram-lhe em auxílio.

Contemporaneamente, RONDON empreendia a epopéia do devassamento do noroeste de Mato Grosso, que lhe garantiu a imortalidade do nome entre os sabedores e americanistas. A campanha exploradora ampliou-se por fases sucessivas.

De Brotas, rompeu, em 1907, a comitiva que a 7 de setembro atingiu os domínios dos Parecis, percorridos por mais de mês, até esbarrar, a 20 de outubro, à margem do Juruena, onde certa flecha nambiquara lhe atalharia a vida, se não o protegesse uma peça do seu uniforme. A prudência aconselhou-o a interromper o avanço a que se opunham os donos naturais daquelas paragens.

Em 1908, repetiu-se a tentativa, que se adiantou até o rio então denominado Doze de Outubro e o coreção da Serra do Norte. Pela terceira vez, os expedicionários alcançaram o Juruena, donde partiram a 2 de junho, para não mais voltarem pelo mesmo caminho. A 13 de dezembro, quando estimavam em 1297 quilômetros o caminho percorrido desde Cuiabá, bebiam água do Jamari, e a 25 sulcavam o Madeira, ao concluir a travessia memorável dos sertões desconhecidos.

Ansioso de conhecer as peculiaridades da região varada pela turma vanguardeira, ROQUETTE PINTO contentava-se em examinar os resultados, que lhe chegaram ao alcance, com os objetos indígenas, diferentes das coleções que manipulava. "Quando recebi, no Museu Nacional, recordaria mais tarde, o primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte, fiquei surpreso!" "Era gente estranha, envôlta em misteriosas lendas". Empolgado pelo assunto, ainda mais se deixou enfeitiçar ao ouvir as narrativas de RONDON, com quem trabalhou em 1910. "Ouvir o mestre, confirmaria, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes". A voz aliciante, "a poesia daquelas terras remotas infiltrou-me o pensamento".

Decidiu observá-las de perto na primeira oportunidade. Perdeu-a, todavia, em 1911, ao partir para a Europa, deixando de embrenhar-se pelos sertões dos Nambiquaras. Mas em 1912, realizou o "seu sonho de estudioso".

Não se ultimara a construção da E. F. Noroeste, que ainda aguardaria um biênio para que se unissem as pontas dos trilhos, em Ligação. As viagens efetuavam-se por via marítima até o Rio da Prata e pelo sistema fluvial platino, sulcado por quem se destinasse a Corumbá.

Olhos atentos para a observação das paisagens e costumes, que se lhe deparassem, o douto viajante não se esqueceria da sua vocação literária para anotar, a cada passo, os aspectos mais impressionantes. Por manhã, "fria e nevoenta", de julho, saltou em Montevideú onde, "baço, entorpecido pelo inverno platino, o sol, de má vontade, esgueirava seus raios, pelas frestas intermitentes das nuvens. Rajadas vinham do mar alto, cargas de baionetas invisíveis, lanhando a pele". Não obstante, aproveitou a parada, para visitar o Museu, que o levou a refletir: "para os povos, como para os indivíduos, a auto-sugestão do valor próprio é uma força imensa, visto que o homem decreta a própria ruína no dia em que desanima". Ainda se revela preocupado com os destinos dos povos, ao tratar, de passagem, da colonização, que lhe incorreu em comentários depreciativos. Mas, ultrapassada Martin Garcia, "entra-se a sulcar as águas do Paraná", "sempre a mesma paisagem monótona e triste". Emboca, em princípios de outubro, o afluente ocidental, flanqueado, cada vez mais, da palmeira prestadia. E assinala, em frases primorosas. "As estipes do carandá alteam-se numerosas por todo o percurso do Paraguai. Sobe como tôdas as palmeiras, roliças e indivisíveis; mas as folhas, bem na ponta dos caules, é que surgem. Não há, como em tantas outras palmas, aquêlé insensível preparar para a formação da verde coroa com que se toucam. O caule de carandá, quando atinge os primeiros laivos de azul do céu, explode em folhas. É a carnaúba do Norte do Brasil". Há, porém, diferença inexplicável entre os dois tipos vegetais intimamente aparentados. Das folhas da carnaubeira extrai-se a cêra, que não consta existir no carandá mato-grossense.

À medida que se estreita o rio, exhibe-se a vida animal, pelas praias e matas justa-fluviais. "E as formas hieráticas das solenes cegonhas, e a brancura das garças, que parecem aves de algodão, registra em seu diário, transformam certos estirões de rio em

paragens encantadas, mágicos cenários, onde Lohengrin poderia surgir... se não fôsem os mosquitos”.

Ao saltar no pôrto da capital paraguaia, que lhe inspirou apreciações de simpatia, analisou: “Morna cidade, tôda envôlta em tristeza e poesia, cheirando a mistério. A vida corre em Assunção monótona e pacífica... enquanto uma revolução não a sacode”. “Nas ruas, no mercado, no famoso mercado de Assunção, tão pitoresco e tão desasseiado, predominam as mulheres. Poucos homens, na cidade, porque as guerras civis ceifam os rapazes dêste país belo e desgraçado”. Caracteriza o tipo feminino com precisão de antropólogo, que não se esquece de indicar-lhe a indústria preferida. “Nhanduti, a renda paraguaia tem valor de uma obra de arte pura. Exprime, ao mesmo tempo, a alma caprichosa e paciente daquelas mulheres e traduz todo o seu sonhar incontido. Nela se advinham ousadias e jactâncias de humor castelhano, juntas à doçura sempre tímida das virgens índias”. “Às vêzes, na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de flocos de espuma branca; outras vêzes, parece que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas”.

Assim ia o escritor, que se ocultava no gabinete do naturalista, revelando os pendorres que em breve não mais permaneceriam conhecidos apenas dos colegas. Notava as peculiaridades do linguajar, os costumes diferentes e quanto pudesse distinguir a população ribeirinha, fôsem paraguaios, que ainda se valiam do guarani, em seu convívio, fôsem mato-grossenses, que lhe revelassem arcaísmos, não usados em outras regiões.

Além de Gaiva, surpreendeu-o impressionante episódio. “Uma tarde, a luz se diluía nas primeiras sombras, enquanto as cigarras cantavam. O Paraguai era um cadarço azul que a hélice esgarçava em flocos de espuma branca. Ruídos da mata, imprecisos, ousados ou tímidos; ruídos certos do motor, compassados e monótonos. Súbito, um fragor de galhos que se partiram, fôlhas sêcas e crepitantes, um grande grito de animal ferido. Tôda a gente de bordo correu para o mesmo lado do “Etrúria”; e a onça, mal divisada, sumiu-se pela mataria a dentro”.

Adiante, conheceu Cáceres, por assim dizer à entrada dos sertões que pretendia per-lustrar. Ao findar agôsto, prosseguiu para Tapirapuã. Percorreu parte do Sipotuba, de que se recordaria em páginas de encantamento. Palmilhou trechos da “Mata da Poaia”, onde se desenvolve interessante indústria extrativa.

Em “Aldeia Queimada”, encontrou Parecis que de bom grado se sujeitaram às medições do antropólogo. Tirou-lhes o retrato falado, cujas origens derivam do gênio de LEONARDO DA VINCI. Estudou-lhes as lendas, os hábitos, a linguagem, a música, as danças, auxiliado pelas informações dos que mais demoradamente tinham convivido com os índios. Observou, a propósito: “Pareci não é nome nacional; a si mesmos, êles se denominam Ariti; e só usam daquele apelativo quando estão conosco”. Após a necessária demora, continuou a peregrinação, que o levava através de paragens impressionantes.

Sempre cruzando chapadões arenosos, “onde a seriema grita e o eco não responde, onde as tucurãs toldam o ar, dificultando o caminhar dos cargueiros, e os mamangabas ferram, a torto e a direito, atravessamos as cabeceiras do rio Verde, do Ilocê, do Sacre ou Timalatiá, tributários da margem direita do Juruena”.

Depois de andar à procura de índios, pelo sertão dos Nambiquaras, por mais de um mês, aproximou-se do primeiro grupo no pouso do rio Primavera. “Foi um dia de trabalho inteiramente cheio”, assinalou. “Filmes, chapas, notas, vocabulário; iniciava-se a realização da parte essencial do meu programa”. Páginas e páginas encheram-se das anotações do naturalista viajante, que se maravilhava diante das cenas e cenários, que lhe proporcionavam opulento material de estudos.

Ao cabo de cinco meses, estava de volta, para reassumir o seu pôsto no Museu, a que entregou “além da grande coleção, única, absolutamente inédita”, “algumas dezenas de clichês etnográficos, filmes cinematográficos, fichas antropológicas e fonogramas com músicas dos índios e canções sertanejas”. Fazia-se mister, entretanto, divulgar as observações de que se recheiara o seu caderno de notas.

A Biblioteca Nacional propiciou-lhe oportunidade, a 15 de março de 1913, em sessão que despertou curiosidade entre os sabedores. Transformou-se, nesse lance, o colecionador em conferencista admirável, que encantou a assistência com as peculiaridades da vida sertaneja naqueles ignorados rincões, onde viviam em fase neolítica os “Índios da Serra do Norte”. Mais tarde, ao inaugurar as conferências do Museu em 1915, propôs, para designar a região compreendida entre os rios Juruena e Madeira, atravessada pela linha telegráfica, o nome de Rondônia. Adotou-o em sua magistral monografia, de 1916, que enfeixou os “resultados antropológicos e etnográficos da excursão”. Por lhe avaliar o alto quilate, destinou-a o Museu Nacional a constituir o volume XX dos seus “Arquivos”.

Como ocorrera com os “Sertões”, que repentinamente elevaram EUCLIDES DA CUNHA ao fastígio da fama, semelhantemente “Rondônia” abriu ao seu autor o caminho da glória. Obra de sábio, trajava-se em linguagem de escritor primoroso, que tanto se



Rapetti

interessava pelos assuntos de ciência pura, em que se deleitavam os especialistas, como pelos aspectos artísticos da paisagem, definida em traços rápidos e precisos. O Instituto Histórico, ao proclamar-lhe os méritos, não somente o admitiu em seu quadro social, como ainda lhe confiou o cargo de segundo secretário, de 1914 a 1919. E, ao vir a lume "Rondônia", conferiu-lhe a medalha de ouro, prêmio que distinguiu os vultos eminentes de MARTIUS, VARNHAGEN, JOAQUIM CAETANO, CAPISTRANO DE ABREU e raros outros.

Podia ROQUETTE PINTO repousar, que os louros colhidos lhe perpetuariam a nomeada. Ao revés, decidiu trabalhar com mais afinco. Professor de História Natural na Escola Normal, deixou a sua cátedra para ir ensinar Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai, em 1920. E iniciando as viagens culturais ao exterior, compareceria ao Congresso Internacional de Americanistas, de 1924, na Suécia, ao de Biologia, de Montevideú, em 1930, e a outras reuniões científicas, onde revelava o seu saber. Não o afastava, todavia, o convívio com os sábios estrangeiros do amor ao torrão natal e à sua gente, de quem foi exaltado defensor. Queria vê-la engrandecida pela educação e para isso fundou a Rádio Sociedade, sem intuídos de lucros, a "Revista Nacional de Educação", quando dirigia o Museu Nacional, onde preparou a Sala de D. Pedro II, além de participar da organização da Academia Brasileira de Ciências e do Instituto Nacional do Cinema Educativo. Diligenciava, destarte, utilizar-se dos meios modernos de difusão, proporcionados pela tela e pelo rádio, para propagar ensinamentos de que necessitassem os patricios.

Era, porém, nos escritos, que de preferência se registava a agudeza do seu espírito culto. Vem a talho lembrar conceitos que lhe saudaram a publicação de "Samambaia", de 1934, indispensável à sua bibliografia. Não pela gravidade dos temas explanados, mas, justamente, pela mobilidade e leveza de assuntos, que lhe espelham a formação goetheana, capaz de interessar-se pelos menores fenômenos, com a mais ágil atenção, desperta para tudo quanto fôsse manifestação de vida ou de beleza. Nesta coletânea, composta por destafio, nos vagares que lhe permitia a vida intensa de pesquisas científicas, mais de uma vez evoca cenas e quadros, que lhe feriram a retentiva em Mato Grosso.

Em "Mata Devoradora" considerou o drama regional dos destemerosos, que se internavam, seringais a dentro, em procura de ouro negro, que lhes proporcionasse recursos, facilitadores da realização das suas aspirações sentimentais.

Outos capítulos ainda denunciam a marca da terra, que Mato Grosso imprimiu no devassador de seus mistérios etnográficos. Proporcionou-lhe o maior tesouro com que poderia sonhar a sua ambição de pesquisador. Era a terra virgem, de olhos profanos ainda poupada, que se lhe oferecia à observação investigadora, com os seus habitantes mergulhados em plena era pré-cebrialiana.

Se VAZ CAMINHA os tivesse observado, julgá-los-ia, sem dúvida, mais atrasados que os litorâneos, conhecedores da navegação e de relativo conforto. Como se, de repente, desse mágico salto na cadeia dos séculos, para desandar quatro ou cinco, achou-se em meio da índia isenta de influência civilizadora. Examinou-a atentamente. E tomou-lhe os índices expressivos.

Ao mesmo tempo, deixou-se influenciar pelos aspectos da vida sertaneja, no limiar dos sertões brutos, e satisfeitas as aspirações científicas, consentiu que a imaginação lhe delineasse episódios indicativos de tragédias comuns naquelas paragens. E o livro comprova exuberantemente os dons literários do naturalista, que se revela escritor correto, sem pedantismo de linguagem, e douto, mas isento da soberbia de sua cultura multifária.

Mais de uma vez ainda tornaria a temas mato-grossenses, como se desta maneira quisesse patentear o reconhecimento à cooperação que lhe propiciou ensejo de conquistar renome repentino. Data dessa época a sua amizade a RONDON, que não cessava de proclamar. Comprometera-se a falar na homenagem ao glorioso desbravador da Rondônia, marcada para breve, e a faria, se não baqueasse inesperadamente, menos de um mês após a festiva comemoração do seu 70.<sup>o</sup> aniversário, pois que nascera a 25 de setembro de 1884, na capital do Brasil. Ágil ainda se lhe conservava o espírito, como provou o artigo que elaborava, ao sentir-se acometido pelo mal irremediável, que o fulminou a 18 de outubro.

Capaz de sentir e de apreender a cultura integral de GOETHE, de quem se mostrava fervoroso admirador, como igualmente a rudeza mental dos cabocos patricios, a quem dedicou páginas encantadoras de simpatia e compreensão, patrocinava-lhes a redenção pela assistência, a que fazem jus, e pela educação, que lhes desenvolvesse as qualidades inatas. Pessoalmente, dera o exemplo, como sábio antropólogo, cujas obras revelam pesquisas conscienciosas, e professor, pela cátedra, pelo cinema, pelo rádio. Embora não se consagrasse especialmente à Geografia, proporcionou abundantes contribuições a quantos desejam conhecer a terra brasileira e a sua gente. O professor emudeceu. Mas os ensinamentos perdurarão, propagados pelos seus escritos e pela douda legião dos discípulos, que lhe exaltavam a peregrina inteligência, aplicada às indagações científicas, a serviço de radoso idealismo.

VIRGILIO CORRÊA FILHO